

UMA ANÁLISE SOBRE A PRÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA E SUA RELAÇÃO COM A CRIAÇÃO DE CONCEITOS

Andrei Pedro Vanin
UFFS - andrei_vanin@yahoo.com.br

Henrique de Lima Santos
UFFS - ikesantos13@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho pretende apontar possíveis modos pelos quais a filosofia pode ser ensinada e desenvolvida no ensino médio. Para tanto, primeiramente far-se-á uma breve retomada histórica da presença da filosofia no ensino médio procurando ressaltar o que é a filosofia. Após verificar-se-á a relação da filosofia com a sua história, pretendendo apontar como os problemas e as atitudes filosóficas podem ser trabalhadas no ensino médio, seja na cidade ou no campo. Finalmente, apresenta-se uma proposta de como a filosofia pode ser trabalhada no ensino médio, a saber: a partir da criação de conceitos e problematização dos contextos em que o aluno está inserido.

Palavras-Chave: Ensino de Filosofia. História da filosofia. Problemas filosóficos. Criação de conceitos.

1 Introdução

É inevitável ao se falar da disciplina de filosofia para o ensino médio não indagar acerca de perguntas de difíceis respostas: “o que é a filosofia?”, “Para que serve a filosofia?”, “Porque ela deve estar presente no Ensino Médio brasileiro?”, entre outras. Essas questões são pertinentes quando se tenta analisar a relação da filosofia com o ensino médio. A temática tem sido alvo de intensos, necessários e polêmicos debates.

Concernente ao exposto, este trabalho pretende apresentar perspectivas possíveis métodos para o ensino de filosofia no Ensino Médio, seja na cidade ou no campo. Para tanto, no primeiro momento far-se-á uma breve retomada histórica da presença da filosofia no ensino médio procurando ressaltar o que é a filosofia. Após verificar-se-á a relação da filosofia com a sua história, pretendendo apontar como os problemas e as atitudes filosóficas podem ser trabalhadas no ensino médio. Finalmente, apresenta-se um possível método de se trabalhar filosofia no ensino médio, qual seja: a partir da criação de conceitos e problematização dos contextos em que o aluno está inserido.

2 A presença da Filosofia nos Currículos Escolares

A filosofia no Ensino Médio brasileiro nunca teve um lugar “consagrado”. Entre idas e vindas, inclusão e exclusão nos currículos, ora ganhava espaço, ora não. Apenas em 2008, com a Lei nº 11.684 de 02 de junho de 2008, a filosofia (e a sociologia) torna-se (tornam-se) disciplinas obrigatórias, alterando o artigo 36 da LDB, 9394/96¹. A filosofia estava mencionada como disciplina na LDB de 1996; porém, era facultativa sua presença nos currículos. Esta era ainda justificada e ainda é por dever contribuir “para o exercício da cidadania.”² Contudo, como ressalta Pereira (2011, p. 51), “[...] a formação para a cidadania é um compromisso educacional e não apenas filosófico”.

Ora, se afirmarmos que a filosofia não é a única responsável pela formação do exercício da cidadania, poder-se-ia perguntar para que filosofia no Ensino Médio. Buscar uma identidade para a filosofia, buscar o lugar, métodos de ensino, o que trabalhar, qual tema abordar e até mesmo definir o que é filosofia, são desafios e problemas filosóficos, podemos assim dizer.

Tendo em vista o sentido histórico da disciplina, denominada pela palavra *philosophía*, tradicionalmente transliterada por amigo da sabedoria, pode-se perguntar o que vem a ser filosofia. A filosofia tem seu princípio, para os gregos, (*arkhé*) na perplexidade. Já afirmava Platão no *Teeteto* quando se refere a Teodoro, “[...] esse sentimento de perplexidade revela que és um filósofo, já que para a filosofia só existe um começo: a perplexidade”. (PLATÃO, 156 d).

Heidegger, em uma de suas conferências intitulada “*Que é isto – a filosofia?*” frisa que “[...] o espanto carrega a filosofia e impera em seu interior” (HEIDEGGER, 1979, p. 21). Com efeito, ele constata que seria insatisfatório apenas notar que “o espanto é a causa da filosofia”, deve-se entender o espanto como *arkhé*, como *páthos*, ou seja, como a disposição, deixar-se con-vocar por.³

¹ Um excelente estudo da presença e ausência da filosofia nos currículos escolares brasileiros é encontrado em: ALVES, D. J., *A filosofia no ensino médio: ambigüidades e contradições na LDB*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p. 7-54. Cf: HORN, G. B., A presença da filosofia no currículo do Ensino Médio brasileiro: uma perspectiva histórica. In: *Filosofia no Ensino Médio*, Org GALLO, S; KOHAN, W. O., Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 17-33.

² Cf: BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer 38: inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio. Brasília, DF, 2006a.

³ Cf: HEIDEGGER, *Conferências e escritos filosóficos*, trad. Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979. *Os pensadores*. Deve-se notar também que Heidegger está interessado aqui em mostrar o sentido da filosofia para sua filosofia. Ou seja, a busca pelo sentido do ser do ente, contudo, essa disposição não deve estar presente no espírito do educador e do aluno? Ou ainda, não deve ser ela o que move o espírito filosófico em sala de aula? É cabível ainda a nota de Ernildo Stein, para o esclarecimento desta palavra, “Pela disposição (que nada tem a ver com tonalidades psicológicas), o ser-no-mundo é radicalmente aberto. Esta abertura antecede o

Com efeito, o que se quer é que a perplexidade grega sobre os temas, de querer conhecer, se perguntar pelo o que é isto (*ti estin*), seja retomada nas aulas, buscar a disposição, a perplexidade por temas que rondam os estudantes e professores devem ser levados a sério na hora do ensino de filosofia. Não devemos tomar esta disciplina como algo obscuro e de difícil compreensão. Antes, o que se tem a fazer, é instaurar a dúvida, a pergunta, a curiosidade no aluno.

Deve-se ter em mente a inquietação e o apontamento do pensamento de Hannah Arendt, já que ela

[...] resgata a importância da Filosofia, no mundo dos homens modernos, que se vêem às voltas com inúmeros processos de alienação, principalmente de alienação do próprio mundo. A alienação do mundo, neste contexto, é parte do processo de desconstrução da conversação. Da dissolução do espaço da palavra e até mesmo da ação. Há um processo de mecanização e fabricação que absorve a capacidade de agir e pensar, aprisionando o homem num mundo de meras necessidades (PEREIRA, 2011, p. 60).

Consoante ao exposto percebe-se a preocupação da autora com o fato de que algumas pessoas não exercitam o pensar, e como resultado acabam ficando alienadas. Num mundo onde as tecnologias e as informações mudam a cada instante, não se exercita mais o exercício da razão, do pensar, do ir às coisas mesmas, de se perguntar pela essência, do que é isto ou aquilo. Talvez a filosofia, juntamente com outras disciplinas, tenha a primazia de recolocar estas perguntas e deva ser a norteadora do pensar, do refletir e assim consiga desenvolver o “ato reflexivo” ou a criação de conceitos.

Não obstante, cabe a pergunta: a filosofia é a única responsável por desenvolver habilidades cognitivas, reflexivas e “capacitar os cidadãos para o exercício da cidadania”? Se tomarmos o pensamento de Hannah Arendt ela irá corroborar que “o domínio da educação deve ser radicalmente separado dos outros domínios, em especial da vida política pública”. Prosseguindo na linha de pensamento da autora, ressalta-se que, para ela a função da escola “[...] é ensinar às crianças o que o mundo é e não iniciá-las na arte de viver.” (ARENDT, 1957, p. 51)

Através desta citação, percebe-se que especialmente no Brasil a educação não é separada da vida política. E para isso, basta ver que a cada mudança de governo, mudam-se os planos e currículos escolares. Contudo, uma análise detalhada desta discussão extrapola os

conhecer e o querer é condição de possibilidade de qualquer orientar-se para o próprio da intencionalidade (veja-se *Ser e Tempo*, parágrafo 29). Jogando com a riqueza semântica das derivações de *Stimmung*: *bestimmt*, *gestimmt*, *abstimmen*, *Gestimmtheit*, *Bestimmtheit*, Heidegger procura tornar claro como essa disposição é uma abertura que determina a correspondência ao ser, na medida em que é instaurada pela voz (*Stimme*) do ser. O filósofo toca aqui nas raízes do comportamento filosófico, da atitude originante do filosofar.” Nota do Tradutor, Cf: Heidegger, *Os pensadores*, 1979, p. 21.

objetivos proposto neste artigo. Devemos, assim, através do que já desenvolvemos até aqui, perguntar onde reside o sentido da filosofia no Ensino Médio. A ela não cabe mostrar às crianças como o mundo é, através dos princípios criados pelos filósofos em suas épocas, buscando conhecer, descobrir, ficar perplexo com o mundo, se perguntando o que é isto, e desenvolvendo teorias e escritos em busca de explicações? O descobrir, a perplexidade, incita o pensar. Com isto a filosofia não precisaria buscar justificativas fora dela.

Perguntar pelo por que da filosofia no Ensino Médio é o mesmo de se pergunta por que estudar a *Fórmula de Báscara* em Matemática, ou os números atômicos do elemento Hidrogênio ou por que estudar literatura. Então por que se pergunta sobre o sentido da filosofia, para que serve, quais conteúdos devem ser trabalhados? Essas perguntas parecem surgir, justamente por esta disciplina não estar firmada por completa nos currículos escolares e ainda pela escassez de profissionais formados na área.

Não obstante, fica claro que trabalhar qualquer tema ou ter profissionais não especializados na área, torna a filosofia, uma discussão qualquer. Não deve o professor ter um espírito de busca, de descobrir, de sempre querer conhecer mais e melhor? A aula de filosofia não deveria ter, em certa medida o mesmo espírito dos diálogos de Platão? Lançarmos um problema, questionar, buscar as razões que o sustentam e as que não o sustentam, mostrar o porquê do problema, buscar a essência, o princípio, o melhor argumento?

Agora para poder por em “*prática*” isso se faz necessário um domínio do tema, uma formação específica e de qualidade. Para Gallo (2011), os cursos de Licenciatura devem dotar o professor

[...] de um sólido e amplo conhecimento da Filosofia, especialmente que ele aprenda a orientar-se na Filosofia, a orientar-se no pensamento, bem como um bom conhecimento da realidade escolar, que faça com que ele não idealize a escola e o aluno. E, sobretudo, que ele esteja o tempo todo preocupado em como ensinar aquilo que ele aprende de Filosofia, que não faça isso desconectado da sua tarefa futura de ensinar (GALLO, 2011)⁴

Ser professor acima de tudo é conhecer a realidade em que esta inserido, para assim poder se apropriar do que o cerca, para que consiga em certa medida, partir dos conhecimentos que os alunos trazem, trabalhar o tema, mas trabalhar adequadamente. Como Stein (2011, p. 36) expõe, “[...] é preciso estudar de uma maneira filosófica os textos filosóficos, e de outro lado, é preciso, mediante o estudo dos textos filosóficos, ter adquirido condições filosóficas para este trabalho”. Passemos ao segundo momento.

⁴ GALLO, S. *Ensino de Filosofia: Os principais desafios*. Entrevista com o professor Silvio Gallo. Disponível em: < <http://www.anpof.org.br/spip.php?article118> > Acesso em: 03 de agosto de 2013.

3 A relação da Filosofia com a sua história, problemas filosóficos e atitudes filosóficas

Silvio Gallo e Walter Koham contribuem de forma significativa para pensar e problematizar as maneiras com que a filosofia vem sendo ensinada. No texto “*Crítica de alguns lugares comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio*” os autores afirmam haver três maneiras decorrentes de ensinar a filosofia, a saber: através da história da filosofia, um ensino baseado em problemas filosóficos e ensino de habilidades cognitivas ou de atitudes filosóficas (GALLO, 2000).

A história da filosofia é o cerne da própria filosofia. Com efeito, como aponto Stein (2011, p. 35) “mais do qualquer outro ramo do conhecimento humano, a filosofia trabalha com sua própria história, de onde lhe vem o material que estuda, que são os textos”. É na história da filosofia que se faz presente diversos movimentos e métodos de se fazer filosofia, é nessa tradição que se encontram problemas que retratam e consolidam a identidade da filosofia. Porém a atividade filosófica não deve ficar restrita a história da filosofia.

O ensino de filosofia baseado em problemas filosóficos “[...] não está organizado em torno da sua história, mas em torno de *problemas*. Segundo esta concepção, o ensino de filosofia tem um caráter monográfico em torno das questões que inquietam a filosofia” (GALLO, 2000, p. 178). A filosofia se ocupa de problemas, e segundo Porta (2007, p. 26), “quando não há problema tampouco há filosofia”.

A partir dessa assertiva decorre o problema acerca da delimitação de temas filosóficos. Existe problemas da filosofia ou a filosofia pode problematizar acerca de qualquer tema? Segundo Gallo e Koham (2000, p. 179) a pergunta “o que é um problema filosófico? é uma questão filosófica e, portanto, contestável, controversa, e isto é aproveitado por muitos professores que começam seus cursos problematizantes precisamente colocando a própria delimitação e natureza da filosofia como problema”.

Os mesmos autores afirmam existir também um método que pretende fazer da filosofia um estímulo a habilidades cognitivas. Estratégia que não visa dar enfoque a história da filosofia e nem tratar de problemas, mas sim propiciar aos alunos um conjunto de habilidades de pensamento. Seria um processo de não apenas ter contato com a história da filosofia e seus problemas, mas achar métodos que compreendam quais são as habilidades de pensamento que conformam o ato de filosofar fazendo com que o alunos não tenha um aprendizado apenas enciclopédico de conteúdos (GALLO, 2000).

Com efeito, as maneiras que a filosofia geralmente vem sendo ensinada formam núcleos referidos ao ensino da disciplina. Porém esses núcleos não são imutáveis e únicos. A

filosofia se faz presente em sua história através de uma diversidade de textos que compreende diálogos, discursos, investigações entre tantos outros. Daí surge uma tensão entre a história da filosofia e uma filosofia temática com problemas mais amplos. No texto de Ronai Rocha, *Filosofia como educação de adulto*, ele traz a tona declarações feitas em debates que mencionam que

[...] Não podemos ficar apenas ensinando história da filosofia”, devemos admitir a existência de relações tensas entre a dimensão histórica e a dimensão temática da filosofia. Quem faz essa queixa parece invocar uma compreensão da filosofia como um espaço de discussões de problemas mais amplos, mais gerais, nem sempre ou raramente contemplados pelos textos clássicos da filosofia. (ROCHA, 2000, p. 157)

Evidencia-se assim, que devemos ter clareza dos aspectos metodológicos da filosofia. Caso contrário ocorre uma confusão de seus procedimentos, o que recai em certa obscuridade, ou seja, a filosofia parece preocupar-se com questões da psicologia, da sociologia, entre outras ciências.

A partir daí sugerimos que a história da filosofia e uma filosofia mais temática não vivam em constantes tensões. O que de fato ocorre é que essas duas dimensões formam a filosofia. É inteiramente necessário a quem se dedica à filosofia ter conhecimento de sua história, dos seus atores e de seus problemas. Esses problemas enraizados pela história da filosofia devem se fazer presentes no cotidiano dos filósofos cujo ofício é ser professor de filosofia. A história de filosofia é pertinente para a própria filosofia, não obstante ela não é a única dimensão a ser analisada, e nem está em um pano de fundo diferente daqueles que defendem uma dimensão mais temática para o ensino de filosofia. Essas dimensões estão em constantes relações de tal forma que seria impossível responder a questão “o que é filosofia?” apenas apresentando a lista dos textos clássicos da história da filosofia, isso seria como afirma Rocha. “da missa, apenas um pedaço” (Idem, p.156). Com efeito, a filosofia não pode ser identificada apenas com sua história, os textos clássicos desenvolvidos pelos filósofos passados estão de acordo com suas realidades, em nenhum momento eles se esquecem de seus lugares para fazer a filosofia. Eles também tinham em mente a problemática de suas realidades, de maneira com que a disciplina olhava para sua tradição e criava problemas e conceitos referentes ao seu tempo. A filosofia parece ser uma disciplina que traz em sua essência a sua história com relação ao novo, a busca de novos problemas e de novos conceitos referentes à realidade. Isso será tema de nosso próximo título.

4 Criação de conceitos e a problematização do contexto

As propostas temáticas representam também a tradição filosófica, mas mesmo que ela seja pautada por critérios filosóficos apoiar o ensino de filosofia na história da filosofia resulta numa atividade que perde de vista uma condição inerente à atividade do filósofo que é *a criação conceitual, o nascimento do novo* (GALLINA, 2004). Essas contribuições são oriundas do pensamento de Deleuze que argumenta ser a filosofia uma problematizadora das coisas que acontecem no dia-a-dia, segundo Deleuze

A maior parte do tempo, quando me colocam uma questão, mesmo que ela me interesse, percebo que não tenho estritamente nada a dizer. As questões são fabricadas, com outra coisa qualquer. Se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer. A arte de construir problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição de problema, antes de se encontrar soluções. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 9)

Os problemas filosóficos de hoje não se encontram nos textos dos filósofos e de maneira alguma podem ser simplesmente comunicados pelo professor de filosofia. Eles estão submetidos a dimensões que não pertencem exclusivamente a história da filosofia, mas sim do devir e dos diversos acontecimentos. O que a história capta do acontecimento, segundo Deleuze é a

Sua afecção em estados de coisas, mas o acontecimento em seu devir escapa à história. A história não é a experimentação, ela é apenas o conjunto das condições quase negativas que possibilitam a experimentação de algo que escapa à história. Sem a história, a experimentação permaneceria indeterminada, incondicionada, mas a experimentação não é histórica. O devir não é a história; a história designa somente o conjunto das condições, por mais recentes que sejam, das quais se desvia a fim de “devir”, isto é, para criar algo novo. (Deleuze apud GALLINA, 2004, p.361)

Deleuze caracteriza-se por ser um grande crítico do fato de tomar-se a história da filosofia como um retrato. Estas concepções concebem a filosofia como uma busca de verdades. Segundo o autor a filosofia “não se trata de ‘fazer parecido’, isto é, de repetir o que o filósofo disse, mas de produzir a semelhança, desnudando ao mesmo tempo o plano de imanência que ele instaurou e os novos conceitos que criou” (Deleuze e Guattari apud GALLINA, 2004, p.366).

A filosofia deve se tornar uma atividade que olha para seu passado e que constrói novos problemas e conceitos. Ela “não é simplesmente arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, [...] os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos” (Deleuze e Guattari apud GALLINA, 2004, p. 368). O conceito é “algo criado e, como tal, implica uma habilidade que só ao filósofo pertence, uma atividade à qual consiste

propriamente o nome de filosofia” (Idem, 2004, p. 368). Deste modo a atividade de criação do filósofo é uma espécie de agenciamento que garante registros únicos e singulares perante a tradição filosófica. A capacidade para constituir ou inventar problemas, cuja solução depende da multiplicidade de relações, singularidades e da determinação das condições do próprio problema, é a capacidade que torna possível o surgimento da atividade filosófica (Ibidem, 2004, p. 367).

Consoante ao exposto evidencia-se alguns métodos que podem servir de suporte para o trabalho do professor de filosofia no Ensino Médio. Com isso pretende-se contribuir para o debate da educação de filosofia na cidade e no campo.

5 Considerações Finais

O trabalho que empreendemos até aqui nos permitiu ver mesmo que sucintamente, como a filosofia esta inserida no Ensino Médio, bem como alguns dos problemas que se enfrentam ao trabalhar esta disciplina. Para tanto, nossa análise se dividiu em três momentos basilares. No primeiro momento, fizemos uma breve retomada histórica da presença da filosofia no Ensino Médio e procuramos ressaltar o que se entende por filosofia. Já no segundo momento, apontamos a relação da filosofia com a sua história, pretendendo ressaltar como os problemas e as atitudes filosóficas podem ser trabalhadas no ensino médio. Por fim, apresentamos uma proposta de ensino de filosofia que consiste na criação de conceitos e problematização dos contextos em que o aluno esta inserido, mas que de nenhuma abandone a especificidade da filosofia. Com isso, pretendemos ter contribuído de alguma forma para o debate sobre o ensino de filosofia no Ensino Médio.

Referências Bibliográficas

ALVES, D. J., *A filosofia no ensino médio: ambigüidades e contradições na LDB*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

ARENDT, H. *A crise na educação*, Disponível em: <http://www.4shared.com/document/AzndSsxQ/ARENDT_A_crise_na_educacao.html> Acesso em: 23 de agosto de 2011. Originalmente publicado em *Partisan Review*, 25, 4 (1957), p. 493-51.

BRASIL. *Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação*. Parecer 38: inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio. Brasília, DF, 2006a.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

GALLINA, S., O ensino de Filosofia e a criação de conceitos. In: Cad. *Cedes*. Campinas, v. 24, n. 64, p.359-371, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622004000300008>. Acesso em: 05 ago 2013.

GALLO, S. Entrevista com o professor Silvio Gallo. Disponível em: <<http://www.anpof.org.br/spip.php?article118>> Acesso em: 03 ago 2013.

GALLO, S.; KOHAN, W. O., Crítica de alguns lugares comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio. In: _____. *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 174-196.

GELAMO, R. P., Ensino de filosofia para não-filósofos. Filosofia de ofício ou ofício de professor: os limites do filosofar. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 28, n. 98, p. 231-252, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000100012>. Acesso em: 05 ago 2013.

HEIDEGGER, Conferências e escritos filosóficos trad. Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979. *Os pensadores*.

HORN, G. B., A presença da filosofia no currículo do Ensino Médio brasileiro: uma perspectiva histórica. In: GALLO, S; KOHAN, W. O., (Org), *Filosofia no Ensino Médio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 17-33.

PEREIRA, G. A. E. O lugar lacunar da Filosofia no ensino médio. *Educação em Revista*, Marília, v. 12, n.1, p. 51-64, jan-jun. 2011. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/viewFile/1537/1331>> . Acesso em: 01 de ago de 2013.

PLATÃO, *Diálogos I*, trad. Edson Bini, Edipro: Bauru, 2007.

PORTA, M. A. G., *A filosofia a partir de seus problemas*, 3ª ed, São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ROCHA, R., Filosofia como educação de adultos. In: GALLO, S; KOHAM, W. O. (org) *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 149-173.

STEIN, E., *Inovação na filosofia*, Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.